Congresso Pan Africano, Bruxelas, Bélgica, 1921

Em quase meio século, entre 1900 e 1945, vários líderes políticos e intelectuais da Europa, América do Norte e África reuniram-se seis vezes para discutir o controle colonial da África e desenvolver estratégias para a eventual libertação política africana. No artigo que se segue, o historiador Saheed Adejumobi descreve os objetivos e metas destes seis Congressos Pan-Africanos e avalia o seu impacto em África.

Os ideais pan-africanistas surgiram no final do século XIX em resposta à colonização e exploração européia do continente africano. A filosofia pan-africanista sustentava que a escravidão e o colonialismo dependiam e encorajavam categorizações negativas e infundadas da raça, cultura e valores do povo africano. Essas crenças destrutivas, por sua vez, deram origem a formas intensificadas de racismo, do tipo que o pan-africanismo buscava eliminar.

Como um conceito político mais amplo, as raízes do pan-africanismo estão nas experiências coletivas dos afrodescendentes no Novo Mundo. A África assumiu maior significado para alguns negros no Novo Mundo por duas razões principais. Em primeiro lugar, a crescente futilidade de sua campanha pela igualdade racial nos Estados Unidos levou alguns afro-americanos a exigirem o repatriamento voluntário para a África.

Em seguida, pela primeira vez, o termo africanos, que frequentemente era usado pelos racistas como uma descrição depreciativa, tornou-se motivo de orgulho para os primeiros nacionalistas negros. Assim, através da elevação consciente de sua identidade africana, os ativistas negros na América e no resto do mundo começaram a reivindicar os direitos anteriormente negados pelas sociedades ocidentais.

Em 1897, Henry Sylvester-Williams, um barrister das Índias Ocidentais, formou a Associação Africana em Londres, Inglaterra, para encorajar a unidade pan-africana; especialmente em todas as colônias britânicas. Sylvester-Williams, que tinha ligações com dignitários da África Ocidental, acreditava que os africanos e os descendentes de africanos que viviam na diáspora precisavam de um fórum para tratar de seus problemas comuns. Em 1900, Sylvester-Williams organizou o primeiro encontro pan-africano em colaboração com vários líderes negros que representam vários países da diáspora africana. Pela primeira vez, opositores do colonialismo e do racismo se reuniram para um encontro internacional. A conferência, realizada em Londres, atraiu a atenção global, colocando a palavra “Pan-Africana” no léxico dos assuntos internacionais e fazendo dela parte do vocabulário padrão dos intelectuais pretos.

A reunião inicial contou com trinta delegados, principalmente da Inglaterra e das Antilhas, mas atraiu apenas alguns africanos e afro-americanos. Entre eles estava o principal intelectual da América negra, W.E.B. DuBois, que se tornaria o portador das conferências Pan-Africanas subseqüentes, ou congressos, como eles mais tarde

viriam a ser chamados. Os participantes da conferência leram artigos sobre diversos tópicos, incluindo as condições sociais, políticas e econômicas dos negros na diáspora; a importância de nações independentes governadas por pessoas de ascendência africana, como Etiópia, Haiti e Libéria; o legado da escravidão e do imperialismo europeu; o papel da África na história mundial; e o impacto do cristianismo no continente africano. Talvez de significado ainda maior tenha sido a formação de dois comitês. Um grupo, presidido por DuBois, elaborou um discurso “Às Nações do Mundo”, exigindo reformas moderadas para a África colonial.

O discurso implorou aos Estados Unidos e às nações européias imperiais que “reconheçam e protejam os direitos dos afrodescendentes” e respeitem a integridade e independência dos “Estados livres e livres da Abissínia, Libéria, Haiti, etc.”. assinado pelo presidente do comitê, DuBois, bem como pelo seu presidente, o bispo Alexander Walters, seu vice-presidente, Henry B. Brown, e seu secretário geral, Sylvester-Williams, foi publicado e enviado à rainha Vitória da Inglaterra. O segundo comitê planejou a formação de uma associação pan-africana permanente em Londres com filiais no exterior. Apesar desses planos ambiciosos, os apelos dos participantes da conferência causaram pouca ou nenhuma impressão nas potências imperiais européias que controlavam o destino político e econômico da África.

Não foi depois da Primeira Guerra Mundial que DuBois reviveu os congressos pan-africanos. Após a guerra, políticos europeus e americanos se reuniram para uma conferência de paz em Versalhes, na França. DuBois, que participou da conferência como representante especial da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), apelou ao Presidente Woodrow Wilson. Em uma carta a Wilson, ele pediu ao governo americano que iniciasse um estudo abrangente sobre o tratamento dos soldados negros. Além disso, DuBois expressou esperança de que o tratado de paz abordasse “o futuro da África” e concedesse autodeterminação aos povos colonizados. Posteriormente, o Presidente Wilson divulgou um memorando dos Quatorze Pontos, que sugeria a formação de

uma Liga das Nações e pedia “um ajuste absolutamente imparcial de todas as reivindicações coloniais, baseado no princípio de que os interesses da população devem ter igual peso com as reivindicações equanimes dos governos” Embora os historiadores tenham questionado o impacto que o pedido de DuBois teve no memorando de Wilson de 14 pontos, ficou claro que a voz mais alta em nome dos negros oprimidos no Novo Mundo e da África colonizada pertencia aos participantes do Congresso Pan-Africano.

Galvanizado pela reunião de líderes mundiais e a discussão do futuro da África colonial, DuBois propôs a formação de um Congresso Pan-Africano. Em 1919, enquanto as negociações do Tratado de Paz de Versalhes prosseguiam, DuBois, com o apoio de Blaise Diagne, membro do parlamento francês da colônia do Senegal, e financiamento de organizações afro-americanas de direitos civis e fraternais como a NAACP , os Elks e os maçons convocaram um Congresso Pan-Africano em Paris. O Congresso, com a participação de aproximadamente sessenta representantes de dezesseis nações, protetorados e colônias, era mais “pan” do que africano, já que a maioria dos delegados tinha pouco ou nenhum conhecimento em primeira mão do continente africano. Destacados participantes americanos incluíam membros negros da NAACP, como John Hope, o presidente do Morehouse College e Addie W. Hunton, que serviu com tropas negras na França sob os auspícios da Associação Cristã de Moços (YMCA), bem como membros brancos da NAACP, como o professor da Universidade de Columbia Joel Spingarn, o socialista William English Walling e o escritor socialista Charles Edward Russell. Entre os outros delegados dos Estados Unidos estavam Roscoe Conklin Simmons, um conhecido orador negro; Rayford W. Logan, que serviu no Exército dos EUA na França; ativista dos direitos das mulheres negras Ida Gibbs Hunt; e o Dr. George Jackson, um missionário negro americano no Congo.

Os participantes da conferência adotaram uma resolução pedindo a elaboração de um código de lei “para a proteção internacional dos nativos da África”. Outras demandas pediram a supervisão direta das colônias pela Liga das Nações para impedir a exploração econômica

por nações estrangeiras; abolir a escravidão e a pena capital dos súditos coloniais que trabalhavam nas plantações das potências coloniais européias na África, especialmente no Congo Belga; e insistir no direito dos povos coloniais à educação. Além disso, o encontro enfatizou a necessidade de mais reuniões do congresso e sugeriu a criação de uma publicação trimestral internacional, a Black Review, que seria publicada em vários idiomas. "Enquanto os participantes do congresso insistiram que os nativos africanos deveriam ter permissão para eventualmente participar de seu próprio governo, eles não exigiram a autodeterminação africana. Apesar da natureza moderada das demandas, as potências européias e americanas representadas na Conferência de Paz de Versalhes permaneceram descompromissadas.

O Congresso Pan-Africano reuniu-se novamente em Londres em agosto de 1921 e um mês depois em Bruxelas, na Bélgica. Ambas as reuniões contaram com representantes das Américas, do Caribe, da Europa e da África, que repetiram as idéias reformistas pan-africanistas, denunciando o imperialismo na África e o racismo nos Estados Unidos. Além disso, os delegados exigiram o autogoverno local para os assuntos coloniais e DuBois enfatizou a necessidade de maiores contatos inter-raciais entre os membros da intelligentsia negra e aqueles preocupados com o status político e econômico dos povos coloniais.

Em 1923, o Congresso Pan-Africano reuniu-se em duas sessões separadas em Londres e em Lisboa, Portugal. Intelectuais europeus notáveis, como H.G. Wells e Harold Laski, participaram da sessão de Londres. Vários membros de reuniões anteriores participaram nas deliberações que abordaram as condições da diáspora africana, bem como a exploração global dos trabalhadores negros. Enquanto alguns estudiosos argumentam que os congressos de 1921 e 1923 foram eficazes apenas em manter viva a idéia de um povo oprimido tentando abolir o jugo da discriminação, outros afirmam que as reuniões internacionais lançaram as bases para a luta que finalmente levou à emancipação política do povo no continente africano.

Os delegados voltaram a se reunir para um quinto Congresso Pan-Africano em Nova York em 1927. O congresso apresentou 208 delegados de vinte e dois estados americanos e dez países estrangeiros. A África, no entanto, foi representada apenas esparsamente por delegados da Costa do Ouro, Serra Leoa, Libéria e Nigéria. O pequeno número de delegados africanos deveu-se, em parte, às restrições de viagens que as potências coloniais britânicas e francesas impuseram aos interessados em participar do congresso, em um esforço para inibir novas reuniões pan-africanas. A maioria dos delegados eram americanos negros e muitos deles eram mulheres. O congresso foi financiado principalmente por Addie W. Hunton e pela Liga Internacional Feminina pela Paz e Liberdade, uma organização inter-racial fundada em 1919 por opositores da Primeira Guerra Mundial. Similar aos congressos pan-africanos anteriores, os participantes discutiram o status e as condições de negros em todo o mundo.

A crise financeira induzida pela Grande Depressão e pela exigência militar gerada pela Segunda Guerra Mundial exigiu a suspensão do Congresso Pan-Africano por um período de dezoito anos. Em 1945, o movimento organizado foi revivido em Manchester, na Inglaterra. Não está claro se DuBois ou George Padmore, um marxista do oeste da Índia, deram a iniciativa para essa reunião. Reconhecendo a contribuição histórica de DuBois ao movimento Pan-Africano, os delegados o nomearam presidente do congresso de 1945. O encontro de Manchester marcou um ponto de virada na história das reuniões. Pela primeira vez, representantes de partidos políticos da África e das Antilhas participaram das reuniões. Além disso, o credo conservador do fórum deu lugar a demandas sociais, políticas e econômicas radicais. Os participantes do Congresso exigiram inequivocamente o fim do colonialismo na África e incitaram os sujeitos coloniais a usar greves e boicotes para acabar com a exploração social, econômica e política do continente pelas potências coloniais.

Embora os congressos pan-africanos anteriores tivessem sido controlados em grande parte por intelectuais britânicos e

americanos de classe média negra que haviam enfatizado a melhoria das condições coloniais, o encontro de Manchester foi dominado por delegados da África e africanos que trabalhavam ou estudavam na Grã-Bretanha. A nova liderança atraiu o apoio de trabalhadores, sindicalistas e um crescente setor radical da população estudantil africana. Com menos participantes afro-americanos, os delegados consistiam principalmente de uma safra emergente de líderes intelectuais e políticos africanos, que logo conquistaram fama, notoriedade e poder em seus vários países colonizados.

A declaração final do Congresso de 1945 exortou os povos coloniais e subalternos do mundo a unirem-se e afirmarem seus direitos de rejeitar aqueles que buscam controlar seus destinos. Os participantes do Congresso encorajaram os africanos colonizados a elegerem seus próprios governos, argumentando que o ganho de poder político para os povos coloniais e subjugados era um pré-requisito necessário para a completa emancipação social, econômica e política. Essa postura politicamente assertiva foi apoiada por uma nova geração de ativistas afro-americanos, como o ator e cantor Paul Robeson, o ministro e político Adam Clayton Powell Jr. e o educador e ativista político William A. Hunton Jr. interesse em África. Embora os congressos pan-africanos não tivessem poder financeiro e político, ajudaram a aumentar a consciência internacional do racismo e do colonialismo e lançaram as bases para a independência política das nações africanas. Líderes africanos como Kwame Nkrumah, de Gana, Nnamdi Azikiwe, da Nigéria, e Jomo Kenyatta, do Quênia, estiveram entre os vários congressistas que levaram seus países à independência política. Em maio de 1963, a influência desses homens ajudou a galvanizar a formação da Organização da Unidade Africana (OUA), uma associação de estados africanos independentes e grupos nacionalistas.

Fontes:
Saheed A. Adejumobi, “O Congresso Pan-Africano”, em Organizando a América Negra: Uma Enciclopédia de Associações Afro-Americanas, Nina Mjagkij, ed. (Nova Iorque: Garland Publishing, Inc., 2001).